

# INDISCIPLINA ESCOLAR: REFLEXÕES

Graziela de JESUS<sup>1</sup>  
Graziela Zambão Abdian MAIA<sup>2</sup>

## RESUMO

O objetivo deste texto é realizar uma discussão sobre indisciplina escolar por meio de levantamento bibliográfico das pesquisas que vem sendo realizadas sobre a temática. Esta reflexão sobre a temática é parte do projeto de pesquisa “Indisciplina escolar: um estudo comparado da percepção da direção e dos docentes de uma escola particular e uma escola pública municipal das primeiras séries do ensino fundamental. Pode-se constatar por meio da literatura que a análise do que vem a ser indisciplina escolar é fortemente influenciada pela concepção de educação escolar dos integrantes da escola. Um dos aspectos evidenciados com o estudo é que os problemas de indisciplina escolar, apesar de serem estudados sobre diversas perspectivas teóricas, não apresentam respostas concretas que possibilitem conceituá-los e/ou identificar suas causas diretas.

**Palavras-chave:** Indisciplina escolar; Organização escolar; Relações inter-pessoais

## Introdução

O presente texto é parte do projeto de pesquisa “Indisciplina escolar: um estudo comparado da percepção da direção e dos docentes de uma escola particular e uma escola pública municipal das primeiras séries do ensino fundamental<sup>3</sup>”. O objetivo da pesquisa é diagnosticar a percepção da direção e dos docentes das primeiras séries do ensino fundamental, de uma escola particular e uma escola pública municipal, sobre a indisciplina escolar. Como procedimento metodológico principal, além da revisão de bibliografia sobre a temática, está à realização, transcrição e análise de entrevistas semi-estruturadas com os diretores e professores das duas escolas.

Partimos do princípio de que para analisar o que vem a ser indisciplina escolar é necessário estudá-la no âmbito das organizações escolares e, principalmente, compreendê-la a partir da percepção dos integrantes da escola.

A reflexão construída neste trabalho apresenta-se como sustentação teórica do entendimento do que atualmente vem sendo conceituado como indisciplina escolar.

---

<sup>1</sup> Discente do curso de pedagogia – habilitação Deficiência Mental, membro do grupo de pesquisa CEPAE (Centro de Estudos e Pesquisas sobre Administração Escolar).

<sup>2</sup> Professora Dr<sup>a</sup>. do departamento de Administração e Supervisão Escolar da Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP/Campus Marília, líder do grupo de pesquisa CEPAE.

<sup>3</sup> Projeto financiado pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e orientado pela Dr<sup>a</sup> Graziela Zambão Abdian.

Realizamos nossas reflexões no bojo de uma concepção de educação escolar específica em interface com a análise da temática no âmbito da organização escolar.

### **Conceito de indisciplina escolar**

Historicamente, a escola vem procurando atingir seu objetivo “propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber” (SAVIANI, 2005, p. 14), isto porque ela foi instituída com o intuito de socializar o saber sistematizado.

Contudo, atualmente, longe de propiciar a aquisição e os instrumentos para que os alunos possam adquirir e compreender como o saber foi elaborado ao longo da história, a escola vem mantendo-se voltada à resolução de problemas que dificultam o processo de ensino - aprendizagem e as relações interpessoais.

A escola nesta perspectiva assume perante a sociedade a responsabilidade de educar, cuidar e preparar o aluno para o mercado de trabalho, ou seja, a instituição escolar transforma-se em “uma agência a serviço de interesses corporativos ou clientelistas neutralizando, mais uma vez, o seu processo de democratização do saber”. (SAVIANI, 2005, p. 17).

Entre os problemas que podem comprometer o processo de ensino-aprendizagem e as relações interpessoais na escola encontra-se a indisciplina escolar.

Estrela (1992) considera que os atos de indisciplina que ocorrem no ambiente escolar são decorrentes da interação entre a escola e o meio social e da própria violência da sociedade, ou seja, muitos dos atos de indisciplina que ocorrem no ambiente escolar são, para a autora, reflexos do momento histórico e das ações da própria sociedade.

O conceito de indisciplina, segundo Estrela (1992, p. 17), “tem assumido ao longo dos tempos diferentes significações: punição; dor; instrumento de punição; direção moral; regra de conduta para fazer reinar a ordem numa colectividade; obediência a essa regra”, todos esses conceitos são decorrentes das práticas teórico-metodológicas adotadas pelas escolas, no intuito de melhorar a relação professor-aluno e de propiciar um ambiente favorável à aprendizagem. A autora pontua que as diferentes significações sobre o conceito de indisciplina mantêm as heranças e raízes culturais greco-latinas e judaico-cristãs.

Partindo deste princípio Estrela (1992), indica que, as concepções, percepções, conceitos sobre disciplina, indisciplina e, principalmente, sobre a forma como deve acontecer o disciplinamento das crianças, variam de acordo com as abordagens teórico-metodológicas adotadas.

Desta forma para Estrela (1992), é possível dizer que quando a escola possui uma *abordagem tradicional*, o objetivo da educação inicialmente é disciplinar o aluno, para depois propiciar aos mesmos a aquisição do conhecimento, o disciplinamento passa então a ser o primeiro passo no processo de ensino–aprendizagem. Neste momento:

A disciplina social transforma-se num fim educativo de carácter mediato e a disciplina educativa assume simultaneamente o carácter de fim imediato e de meio da educação, pois, com efeito, se a aprendizagem e a interiorização de regras prescritas socialmente se apresentam como um fim educativo, essa aprendizagem constitui ao mesmo tempo uma condição de exercício da acção educativa e, em especial, da acção pedagógica ligada às aprendizagens institucionalmente organizadas. (ESTRELA, 1992, p. 17 e 18).

Para Estrela (1992, p. 20) na *Abordagem tradicional*, o disciplinamento se faz necessário porque o “acto pedagógico é centrado na palavra [...], desta forma, o ensino só acontecerá se o aluno mantiver-se “calado, quieto, atento, obediente e respeitado” [...]” (ESTRELA, 1992, p. 20).

A *Escola tradicional*, segundo Estrela (1992, p. 20), busca levar o aluno a converter a “disciplina imposta em disciplina consentida [...], pois assim o aluno irá compreender e aderir voluntariamente às regras do jogo que ele se vê obrigado a jogar”.

Já as abordagens relacionadas à *Educação Nova* afirmam que a disciplina só ocorrerá no ambiente escolar democrático, que permita e propicie à construção da autonomia das crianças, nessa abordagem, as sanções e a intervenção do adulto não são anuladas, mas a criança submete-se as regras mais facilmente, porque contribui com o processo de formulação, reformulação das regras e sanções. Nessa perspectiva, a indisciplina é vista como um “acto de rebelião contra a regra de vida colectiva e contra o grupo”. (ESTRELA, 1992, p. 23).

Um dos percussores da *Educação Nova*, voltada para as práticas democráticas e autônomas, é Célestin Freinet. Segundo Estrela (1992, p.22), o conceito de disciplina presente na obra de Freinet

[...] ilustra o espírito da educação socialista num país capitalista. [...] Freinet dedicou-se com entusiasmo militante à criação de uma escola diferente daquela que considera “filha e serva do capitalismo”. Contra o verbalismo e o intelectualismo elitista da escola tradicional, Freinet propõe-se transforma a escola num verdadeiro meio de vida associando o trabalho produtivo à descoberta da realidade. A imprensa, o texto livre, a correspondência interescolar, o jornal, o inquérito, os utensílios de trabalho manual são as técnicas necessárias à instituição de uma “Pedagogia do trabalho” capaz de substituir a “Pedagogia da saliva”.

A construção da autonomia é essencial, pois é ela que contribui com o processo de ensino-aprendizagem, oferece a oportunidade para que os alunos se disciplinem sem

imposições e oferece a oportunidade para que os professores e alunos construam suas relações sem conflitos no interior das salas de aula.

Entretanto, a perspectiva presente em Estrela (1992) sobre as abordagens educacionais não é consensual.

Para Saviani (2008, p. 42), o que se percebe atualmente no âmbito educacional é que estamos “nos digladiando com duas posições antitéticas e que, via de regra, são traduzidas em termos do novo e do velho, da *Pedagogia nova* e da *Pedagogia tradicional*”. Para o autor, é necessário que antes de defendermos uma posição, uma Pedagogia que estudemos como suas bases foram construídas historicamente e qual o seu ideal de educação.

Segundo Saviani (2008), a organização dos sistemas de ensino teve início no século passado e

[...] inspirou-se no princípio de que a educação é direito de todos e dever do Estado. O direito de todos à educação decorria do tipo de sociedade correspondente aos interesses da nova classe que se consolidara no poder: a burguesia. Tratava-se, pois, de construir uma sociedade democrática, de consolidar a democracia burguesa. Para superar a situação de opressão, própria do “Antigo regime”, e ascender a um tipo de sociedade fundada no contrato social celebrado “livremente” entre os indivíduos, era necessário vencer a barreira da ignorância. Só assim seria possível transformar os súditos em cidadãos, isto é, em indivíduos livres. (SAVIANI, 2008, p. 9).

O autor pontua que as bases da *Pedagogia tradicional* foram formuladas a partir do princípio de que a educação é um direito de todos e, sendo um direito de todos, pode ser caracterizada como sendo a *Pedagogia da essência*, pois tem suas bases nos movimentos históricos que lutavam e defendiam a igualdade essencial dos homens de ter acesso a sua cultura, acesso ao conhecimento sistematizado construído historicamente, etc., sendo assim, a *Pedagogia tradicional* tinha como objetivo fazer com que a escola cumprisse seu papel dentro da sociedade, que a escola oferecesse educação de qualidade para todos, isso porque a escola dentro desta perspectiva surgiu como um antídoto para ajudar os indivíduos a saírem do seu estado de ignorância. (SAVIANI, 2008, p. 10).

Já a *Pedagogia nova*, segundo Saviani (2008), surgiu em um cenário em que a burguesia já havia tomado o poder, estava entrando em conflito com os interesses do proletariado e, principalmente, já havia saído do estado de ignorância graças à educação que obteve a partir do ensino construído por suas lutas que pregavam a necessidade de uma *Pedagogia da essência*, de uma Pedagogia que levasse em conta os movimentos da história.

Saviani (2008) pontua ainda que ao propor uma nova Pedagogia, a burguesia instaurada no poder ignorou a essência da educação, pois a *Pedagogia nova* ou *Pedagogia da existência* contrapõe-se “ao movimento de libertação da humanidade em seu conjunto,

legítima as desigualdades, legítima a dominação, legítima a sujeição, legítima os privilégios”. (SAVIANI, 1994, p. 41).

Em síntese a *Pedagogia nova* apresenta-se como revolucionária, mas nada mais é do que um mecanismo de consolidação dos interesses do poder, dos interesses da burguesia que agora explora outra classe.

É possível dizer que, para Saviani (2008), a *Pedagogia tradicional* foi fundada na igualdade de direito a todos e a *Pedagogia nova* foi fundada na diferença e, assim, na diferença, os homens, os cidadãos podem ser considerados diferentes até mesmo na sua essência, até mesmo nos direitos com os quais nascem. O autor indica que a *Pedagogia tradicional* e a *Pedagogia nova* tiveram e têm muitas lacunas, principalmente no que diz respeito ao processo de ensino – aprendizagem. Entretanto, para ele, a *Pedagogia nova*, longe de formar o cidadão crítico, participativo na sociedade e de democratizar o saber, acabou tornando-o algo restrito para a grande massa, já que se estudarmos a sua formação ao longo da história poderemos perceber que apenas a elite consolidada obteve uma educação de qualidade a partir desta *Pedagogia*, da *Pedagogia da existência*.

O olhar sobre as abordagens teórico–metodológicas a partir da perspectiva de Saviani (2008) permite-nos inferir que o objetivo da escola tradicional não era disciplinar os alunos, como nos apresenta a perspectiva de Estrela (1992), mas sim fazer com que os mesmos, a partir do conhecimento adquirido na escola, construíssem sua autonomia, sua emancipação.

É necessário explicitar que Saviani (2008), não defende as práticas teórico-metodológica da *abordagem tradicional* ou *nova*, o autor apenas teve o intuito de explicitar, a partir de um olhar histórico, como essas abordagens que são motivo de inúmeras discussões, por estarem presentes nas escolas, foram sendo constituídas historicamente.

A partir desta breve discussão das abordagens explicitadas por Saviani (2008) e por Estrela (1992), restam-nos algumas questões, que em um primeiro momento não interferem diretamente na temática da indisciplina, mas quando aprofundamos na prática, podemos visualizar que a opção por uma ou outra abordagem teórica muda o ambiente escolar, o ambiente da sala de aula e a forma como as relações interpessoais ocorrem, tais questões são: em que medida o objetivo da *Pedagogia tradicional* era apenas disciplinar os alunos e fazer com eles passassem da disciplina imposta para disciplina consentida? Em que medida a *Pedagogia nova* contribui com a construção da autonomia e, conseqüentemente, com a construção da autonomia pelos alunos? Qual das duas perspectivas nos proporciona compreender, entender o porquê da indisciplina presente nas escolas? Será que os problemas de indisciplina são decorrentes da liberdade dada aos alunos proposta pela *Pedagogia nova*?

Será que os alunos sabem lidar com a liberdade? Como proporcionar liberdade aos alunos sem lhe impor limites? Qual a ligação da indisciplina com a organização da escola, da sala de aula, do planejamento da aula?

Eis algumas das inúmeras discussões que o estudo da indisciplina nos propõe, mas o que podemos perceber a partir deste breve olhar sobre as propostas de praticas presentes nas abordagens é que a disciplina possui um papel central não só nas relações interpessoais na escola, mas também no processo de ensino-aprendizagem, pois até mesmo a abordagem que se mostra alicerçada na construção da disciplina por meio da autonomia construída pelos alunos não anula a contribuição de um ambiente “disciplinador”.

O que podemos inferir é que as discussões sobre a indisciplina mantêm-se ou em um plano macro (sistemas de ensino) ou em um plano micro (salas de aula) e que se de um lado a disciplina imposta não contribuiu com a “extinção” dos atos de indisciplina, por outro lado, a educação voltada para autonomia não tem nos proporcionado bons resultados.

Algumas pesquisas que possuem como objeto de estudo a indisciplina têm procurado construir conceitos e parâmetros que possam contribuir com as discussões e reflexões dos professores em formação e em exercício nas salas de aulas.

As pesquisas têm apontado que os conceitos de indisciplina e disciplina são muito discutidos, mas ainda são uma incógnita para os pesquisadores em educação (AQUINO, 1998; ESTRELA, 1992; GARCIA, 1999; PIROLA e FERREIRA, 2007; OLIVEIRA, 2005; OLIVEIRA e GOLBA, 2008; OLIVEIRA e REIS, 2005; SAMPAIO, 1997; VASCONCELLOS, 1994; VIANNA, 1989), isto porque os atos de indisciplina ocorrem em diversas situações e de diversas maneiras.

Para Estrela (1992, p. 13), a indisciplina escolar é “um fenômeno que decorre da sociedade e do seu sistema de ensino, ela é também um fenômeno essencialmente escolar, tão antigo como a própria escola e tão inevitável como ela.”

A autora justifica sua conceituação dizendo que os problemas advindos da sociedade que influenciam nos problemas no interior das escolas são resultantes da crescente desigualdade econômica e social que culminam na “exclusão social, na crise de valores e nos conflitos de gerações”, a autora indica ainda que as variáveis que os sistemas de ensino trazem para os problemas no interior das escolas decorrem da ausência de estrutura. Para explicitar o que seria a ausência de estrutura, a autora elege alguns exemplos tais como: “turmas numerosas; persistência de pessoal docente sem formação profissional; falta de saídas profissionais para os alunos de ensino básico e secundário, ligada a falta de um sistema coerente de formação profissional, etc.”. (ESTRELA, 1992).

Já para Aquino (1998, p. 10), a compreensão do conceito de indisciplina é decorrente da nossa conceituação do que vem a ser a disciplina, para o autor, se compreendermos a disciplina por

[...] comportamentos regidos por um conjunto de normas, a indisciplina poderá ser traduzida de duas formas: 1) a revolta contra essas normas; 2) o desconhecimento delas. No primeiro caso, a indisciplina traduz-se por uma forma de desobediências insolente; no segundo, pelo caos dos comportamentos, pela desorganização das relações. (AQUINO, 1998, p. 10).

Ao propor essa conceituação, Aquino (1998) coloca os profissionais da educação imersos a uma reflexão da sua própria prática enquanto educador, coordenador, administrador escolar, pois se os alunos se revoltam contra as regras, é necessário saber o porquê desta revolta, de onde ela vem, se essa revolta é oriunda da prática do professor (da forma como o conhecimento é mediado e do conhecimento que é oferecido), da administração da escola (autoritarismo, ausência de diálogo). Se compreendermos que a indisciplina é uma consequência do desconhecimento das regras da escola, é preciso entender porque a equipe escolar compreende a indisciplina como sendo a quebra de regras se ela não oferece a oportunidade da comunidade (pais, alunos) construírem as regras da escola, ou se elas simplesmente não apresentam as regras para a comunidade para um bom convívio e aprendizagem, porque supõe que alunos e pais conhecem tais regras.

Ambas as reflexões propostas pelo autor culminam no olhar sobre a indisciplina nas práticas escolares (como as regras são construídas ou apresentadas?, elas são apresentadas ou os professores supõe que os alunos as conhecem?), sobre o trabalho em grupo (como são formuladas as regras e sanções dentro do ambiente escolar?, quem participa dessa formulação?) e sobre a percepção de cada membro da equipe escolar sobre o que vem a ser indisciplina escolar.

Segundo Pirola e Ferreira (2007, p. 81 e 94), a indisciplina escolar pode ser entendida como “um traço constituído a partir das interações que se estabelecem no espaço social da escola, traço este que pode ser caracterizado como ‘maneiras de ser de uma pessoa com outras pessoas do seu meio, que trazem as marcas de certos padrões culturais’, esses traços por sua vez não são inerentes aos alunos, mas esse aluno se constitui indisciplinado a partir de suas experiências concretas no grupo cultural ao qual pertence”.

As autoras conceituam a indisciplina partindo do pressuposto da percepção dos professores, já que são esses profissionais que vivenciam cotidianamente esses problemas.

Pirola e Ferreira (2007) puderam constatar que “embora os professores se queixem e falem com frequência sobre a necessidade da escola de buscar novas estratégias para minorar

o problema de indisciplina, não se observa neles uma referencia na escola no sentido de repensar a prática cotidiana”, para as autoras, alguns professores esperam que a escola representada pela figura do (diretor) ofereça a eles a receita, métodos, praticas, que possam ser executados com êxito dentro da sala de aula e assim minimizar ou extinguir os problemas de indisciplina, dificuldades de aprendizagem, etc. (PIROLA; FERREIRA, 2007, p. 90).

Em suas pesquisas as autoras puderam observar que o discurso dos professores sobre indisciplina é marcado, nas entrelinhas, pela hostilidade á diversidade existente nas escolas e pela incessante busca da homogeneidade das salas de aulas, a esse respeito, as autoras pontuam que a indisciplina pode vir a ser uma manifestação contra essa homogeneidade que a escola enquanto instituição administrada pelo Estado reproduz há anos.

Pirola e Ferreira (2007) sugerem que para se iniciar reflexões, propostas de tomada de decisões referentes à problemática da indisciplina é necessário que os professores reflitam na sua própria maneira de atuar, nas suas dificuldades e principalmente que busquem uma adequada formação que lhe possibilite rever sua pratica, pois

Mudanças nas concepções e praticas dos professores podem ocorrer ao longo de toda carreira docente, a partir das oportunidades acadêmicas e profissionais de estudar, questionar, refletir, pesquisar, planejar, intervir, ou seja, das oportunidades de buscar sempre a melhoria da pratica pedagógica, refletindo e intervindo sobre ela. (PIROLA e FERREIRA, 2007, p. 91).

Para Sampaio (1997, p. 5), a escola só compreenderá o conceito de indisciplina se tiver bem claro o que é a disciplina escolar, ou seja, quais são os “comportamentos que consideram aceitáveis, sob o ponto de vista pedagógico e social, para *aquelas* pessoas, *naquele* contexto”. O autor lembra que é necessário compreender que os alunos de hoje não são os mesmos de uma década atrás, possuem valores, crenças e saberes diferentes, e por isso devem ser considerado como “cidadão produtor cultural, capaz de aprender, conosco, mas também de nos ensinar.” (SAMPAIO, 1997, p. 2).

Sampaio (1997, p. 9) considera que a indisciplina pode inicialmente ser caracterizada como um “mal estar que pode ter múltiplas significações, mas não é desprovido de sentido, pois ate os mais novos contestam e boicotam [...]”. A ação da escola frente aos problemas de indisciplina deveria centrar-se na *prevenção* da indisciplina, não na forma de *controlar*, para isso, é essencial que a escola tenha:

- Uma organização pedagógica, pois “se a escola não é capaz de reflectir sobre a forma como funciona, não pode gerar um clima propício a um bom trabalho escolar”
- E que a escola construa juntamente com a comunidade escolar as regras (disciplinas) consideradas essenciais para um bom convívio. (SAMPAIO, 1997, p. 4).

O autor indica que apesar de as escolas receberem as regras prontas do sistema de ensino, é necessário que a comunidade escolar as discuta e coloque em prática apenas as que cabem aquele dado local, pois por mais que o sistema nos mostre que as escolas são homogêneas na sua estrutura a de se levar em conta o meio, os indivíduos e as expectativas daqueles que estão cotidianamente presentes dentro da escola.

Segundo Garcia (1999, p. 101 e 102).

A indisciplina escolar tem sido intensamente vivenciada nas escolas, apresentando-se como uma fonte de estresse nas relações interpessoais, particularmente quando associada a situações de conflito em sala de aula. Mas, além de constituir um “problema”, a indisciplina na escola tem algo a dizer sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanço pedagógico e institucional. Trata-se de uma questão, portanto, a ser debatida e investigada amplamente.

Para o autor, o papel da escola em relação à problemática da indisciplina é o de

[...] considerar o quadro concreto das condições e desenvolvimento dos alunos e de suas necessidades, bem como garantir as condições apropriadas ao processo de ensino-aprendizagem. Assim, as expectativas da escola, por exemplo, devem refletir não uma disposição autoritária elaborada por um determinado grupo responsável por processos decisórios na escola, mas uma orientação de base consensual que reflita a contribuição de toda a comunidade ligada à escola, e não apenas dos profissionais da educação que nela atuam.

Segundo Garcia (1999, p. 103), é necessário que os professores tenham claro que os atos de indisciplina não podem ser caracterizados como “um fenômeno estático que tem mantido as mesmas características ao longo das últimas décadas”, pois a cada dia ele se manifesta de diversas maneiras em uma mesma situação, para o autor, a indisciplina escolar é um fenômeno em constante mudança.

Garcia (1999) indica que é necessário que o olhar sobre o aluno indisciplinado mude, pois o que se observa hoje é que o corpo docente, diretores, coordenadores, visualizam o aluno indisciplinado como sendo o sujeito que não quer aprender, que não quer nada com nada, que não recebeu educação em casa, etc.; o autor pontua ainda que os membros da escola contemplam a indisciplina apenas como um problema de comportamento, porém o autor adverte que nem sempre os problemas de comportamento indicam que os alunos são disciplinados.

Para Garcia (1999), o aluno indisciplinado hoje deveria ser visto como o “aluno contestador, membro de uma sociedade que esta em processo de superação de uma cultura de repressão, este aluno deveria ser visto como aquele que não se conforma com as aulas que considera “enfadonhas”, “desatualizadas”, “teóricas”, ou as relações “autoritárias”,

desumanas”, ou “frias” que permanecem dentro das escolas”. (GARCIA, 1999, p. 103 grifos do autor).

O estudo da singularidade dos problemas de indisciplina para, Garcia (1999), é a melhor maneira de iniciar uma estratégia de prevenção dos problemas de indisciplina, é preciso como já dito anteriormente que o professor veja além dos atos de indisciplina, dos comportamentos dos alunos e que busque compreender quais são as necessidades do aluno, do grupo ao qual o aluno pertence, o autor adverte porém que esse é um processo difícil, visto que a indisciplina “não apresenta uma causa única, ou mesmo principal, eventos de indisciplina, mesmo envolvendo um sujeito único, costumam ter origem em um conjunto de causas diversas, e muito comumente reflete uma combinação complexa de causas”, para o autor a complexidade que a indisciplina se constitui é “parte do perfil da indisciplina e deve ser considerada, se desejamos compreendê-la e estabelecer soluções efetivas”. (GARCIA, 1999, p. 104).

Partindo dessas discussões, para Garcia (1999, p. 102), o conceito de indisciplina:

[...] apresenta uma complexidade que precisa ser considerada. Um entendimento suficientemente amplo do conceito de indisciplina escolar precisa integrar diversos aspectos. É preciso, por exemplo, superar a noção arcaica de indisciplina como algo restrito à dimensão comportamental. Ainda, é necessário pensá-la em consonância com o momento histórico [...].

O autor propõe que deixemos de lado as velhas práticas de resoluções de problemas de indisciplina, pois as mesmas não cabem mais no momento histórico ao qual estamos vivenciando, é preciso também que nos atentemos ao ambiente escolar que oferecemos aos alunos hoje, pois é necessário ter sempre claro que as necessidades de um determinado grupo não são as mesmas do outro, é preciso oferecer o mesmo conteúdo, o mesmo conhecimento a todos. Garcia (1999) pontua ainda que é necessário que as escolas se abram a outras perspectivas educacionais.

Vianna (1989) conceitua indisciplina a partir de uma visão de uma disciplina autoritária, imposta, a uma sociedade que possui um discurso democrático, mas nada mais é do que uma mantenedora das ideologias de uma minoria detentora do dinheiro.

Para Vianna (1989, p. 13), refletir sobre disciplina e indisciplina no Brasil é uma atitude “temerária”, pois

Durante muito tempo o entendimento do conceito de disciplina tem sido sinônimo de ordem e respeito a normas preestabelecidas por autoridades impostas ou eleitas e que, de alguma forma, nos representam, nos lideram ou nos administram, autocrática ou democraticamente, nos diferentes contextos em que vivemos e convivemos com nossos iguais.

Segundo a autora, essa disciplina pode ser caracterizada como sendo autoritária, visto que ela nada mais é do que a “manutenção da ordem imposta por uma pessoa ou um grupo carismático ou dominador, que precisa ser respeitado, naturalmente ou através da força, instrumento de poder em evidencia em determinados momentos históricos”. (VIANNA, 1989, p. 13).

Vianna (1989) indica que existem outras formas de disciplina presentes na sociedade marcadas pelo “resultado de um consenso”, tal disciplina “não é imposta, mas decidida e acertada em função de bens e objetivos que não são de uma pessoa ou grupo, mas fruto de decisões comuns em função de objetivos também comuns”.

Com isso Vianna (1989) propõe que o ponto de partida para a construção de uma disciplina em que todos decidam sobre as regras a ser seguida é a democracia, pois esse modo de governar a sociedade é o meio com o qual é possível

[...] despertar o social para uma luta transformadora, que busque disciplinar as estruturas do nosso país, em função das necessidades e objetivos comuns á grande maioria desprivilegiada do povo brasileiro, que existe, precisa ser respeitada e que esclarecida, pode se transformar na grande força de uma sociedade onde se efetive a ordem social mais justa e mais humana. (VIANNA, 1989, p. 15 e 16).

Para Vianna (1989, p. 16), é a partir desta perspectiva democrática que “refletir sobre disciplina se transforma em um desafio a ser enfrentado por todas as pessoas que anseiam por um país onde a justiça seja para todos e não aquela que castiga os pobres em seus menores deslizes e “perdoa” os ricos e suas faltas mais absurdas e graves”.

Porém, Vianna (1989, p. 16) indica que essa disciplina

[...] exigirá uma transformação gradativa do povo, propiciando condições para caminhar em direção à maturidade em todos os aspectos de sua dinâmica social – política – econômica, demográfica, justiça etc. – uma conscientização progressiva, um poder de reivindicação atuante, voltado para o bem comum de seus iguais.

Ao propor tal transformação da sociedade, Vianna (1989) pontua que ela não ocorrerá apenas pela intervenção da instituição escola, porém a autora deixa claro que a escola ainda é um dos veículos que mais exercem persuasão sobre as pessoas e sendo assim a escola pode desenvolver seu trabalho pedagógico pautado na “valorização e dignificação das classes populares, e poderá provocar mudanças na atual ordem social”.

Para que esse trabalho seja desenvolvido dentro das escolas a autora propõe que toda a comunidade escolar construa um Projeto Participativo, em que as regras, punições, os direitos sejam discutidos por todos.

Sendo assim podemos dizer que para Vianna (1989), a disciplina e a indisciplina estão intrinsecamente ligadas ao modo de governo e das relações sociais estabelecidas dentro da sociedade. A indisciplina, nessa perspectiva, pode ser interpretada como um movimento de contestação da sociedade, das diversas desigualdades sociais presentes na sociedade.

Para Oliveira (2005, p. 71) os atos de indisciplina podem ser decorrentes de algumas imposições colocadas pelo sistema escolar, tais como:

[...] turmas numerosas, escolas superlotadas, falta de material didático, sistema de avaliação do rendimento dos alunos, trabalhos burocráticos excessivos, remuneração insatisfatória, dentre outros. Há, também, fatores de estrutura física da escola como: edifícios impróprios e degradados, sala de aula apertada, com pouca ventilação e pouca iluminação, sala que sofre interferência do barulho de fora, etc que, com certeza, irão interferir negativamente no comportamento dos alunos.

A autora pontua ainda que os padrões impostos pelo sistema educacional acabam “desmotivando os profissionais para qualquer iniciativa”, pois são muitas vezes padrões rígidos e descontextualizados. (OLIVEIRA, 2005, p. 71).

Segundo Oliveira (2005, p. 71), outro fator que pode explicar a incidência dos comportamentos de indisciplina escolar é a ausência de estrutura da escola durante seu processo de democratização.

A democratização da escola ocorreu sem que houvesse previamente uma estrutura básica que garantisse: acomodação adequada para os educandos (escolas e salas de aula com instalações apropriadas, carteiras escolares decentes e suficientes, espaço para recreação etc.); condições dignas de trabalho para professor (materiais didáticos, mobiliário adequado e equipamentos necessários); preparação do professor para lidar com as diferentes realidades dos educandos e, conseqüentemente, a qualidade da educação oferecida.

Oliveira (2005), Oliveira e Golba (2008), Oliveira e Reis (2005) discutem e defendem um ponto importante que pode vir a contribuir com a “extinção” dos comportamentos de indisciplina, tais pesquisadores defendem a discussão da problemática da indisciplina escolar nos cursos de formação de professores, pois “se o professor tem dificuldade em lidar com toda essa complexidade do ambiente escolar e com a diversidade, certamente, uma parcela da respon – sabilidade cabe aos cursos de formação de professores”. (OLIVEIRA, 2005, p. 6).

Seguindo a proposta de Oliveira (2005), Oliveira e Reis (2005, p.8) defendem a necessidade de se discutir e rediscutir problemas de comportamento em sala de aula nos cursos de formação por conta das

[...] mudanças significativas que a relação professor aluno vem sofrendo no decorrer do tempo, promovendo, assim, reformulação na evolução histórico-cultural do homem. As grandes e contínuas transformações sociais, culturais e tecnológicas do mundo contemporâneo têm solicitado uma nova proposta de educação que ofereça um novo modelo de escola e, conseqüentemente, que tenha um novo perfil de educador para atender às necessidades do educando que vive a realidade desta nova era. (grifos do autor).

Oliveira e Golba (2008, p. 6) complementam Oliveira e Reis (2005) dizendo que “as demandas educacionais da atualidade não comportam mais um modelo de professor transmissor de conhecimentos, novas competências precisam ser adquiridas e desenvolvidas na formação docente”.

Partindo dessa discussão, Oliveira (2005) adverte que os cursos de formação de professores têm propiciado discussões muito breves, superficiais e preocupantes relacionadas aos aspectos relação professor – aluno, disciplina – indisciplina, pois muitos professores saem dos cursos de formação com concepções utópicas sobre o aluno ideal, a sala de aula ideal, a escola ideal e, quando se vêem frente aos problemas de indisciplina, acabam não sabendo quais atitudes tomar.

A ausência de atitude frente aos problemas de indisciplina é preocupante, segundo Oliveira (2005), porque os alunos agem de acordo com o clima que o professor constrói em sala de aula e porque o professor possui um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem.

Para Oliveira (2005), Oliveira e Reis (2005) o essencial seria que os cursos de formação propiciassem aos professores discussões que abrangessem os problemas comportamentais e de relação professor-aluno a partir de varias perspectivas e que levassem os futuros professores a conhecerem a pratica, a vivenciá-la.

Todos esses requisitos são essenciais na formação de professores, pois as discussões teóricas e aplicabilidade da teoria na pratica contribuem com o repertorio de experiências que os futuros professores iram construir ao longo da sua pratica e ao longo da sua formação inicial.

Para Oliveira (2005, p.65).

O bom senso e a experiência podem ajudar no gerenciamento de sala de aula. Manter os alunos sempre ocupados com atividades que lhes interessem e que exijam concentração pode ser um fator fundamental para evitar a indisciplina. O professor deveria ter condições de preparar sua aula antes de

entrar em sala procurando prever a dosagem, o nível de dificuldade e a duração de cada atividade, evitando seu excesso ou a ociosidade dos alunos.

A autora nos indica ainda a importância da presença, da contribuição que os profissionais da administração escolar podem trazer na resolução dos problemas de indisciplina, pois o que nos parece é que a organização escolar, a organização didático-pedagógica influencia diretamente nas ocorrências de atos de indisciplina.

A autora pontua a necessidade de problemas como indisciplina escolar serem discutidos não só nos horários de estudo em conjunto – HEC, mas também durante a construção do projeto político pedagógico da escola, pois supõe - se que os princípios presentes nesse documento são discutidos, rediscutidos por todos os membros da escola.

Oliveira (2005) indica que apesar de haver a necessidade de discussões, orientação dos profissionais da administração escolar para os professores sobre os problemas disciplinares, o que vem se observando nos últimos anos é que, “talvez essa falta de orientação ocorra porque nem mesmo a equipe pedagógica, administrativa tem claros os princípios que devem nortear o comportamento dos alunos”. (OLIVEIRA, 2005, p. 64).

Oliveira (2005) ressalta que esse “não saber o que fazer” dos professores, diretores, coordenadores acabam culminando em regras que muitas vezes são impostas aos alunos e são constituídas em sua maioria apenas de deveres considerados peças fundamentais na formação da autonomia dos alunos.

A esse respeito Oliveira (2005, p. 63) nos alerta que:

Se é preciso propiciar a autonomia do educando, é preciso também rever nosso sistema de regras dentro da escola. Elas sem dúvida são necessárias, mas é fundamental que se tenha a preocupação em garantir a sua clareza e a transparência na sua apresentação como também a coerência das sanções, sem nos esquecermos de que somente a existência de regras, coletivamente definidas, pode esclarecer que atitudes os alunos devem evitar em sala de aula e na escola, visto que as regras implicam o entendimento do conceito de moral e ética.

A autora complementa dizendo que é preciso que os professores considerem “que em uma educação voltada para a autonomia é preciso entender que as crianças têm vontade própria, que são competentes e, dentro de suas possibilidades, capazes de construir conhecimento e interferir no meio em que vivem”. (OLIVEIRA, 2005, p. 63).

Oliveira (2005), Oliveira e Golba (2008), Oliveira e Reis (2005), Vasconcellos (1994), consideram que há uma grande ambigüidade no discurso e nas práticas dos professores, pois se de um lado eles se mostram interessados em formar o aluno autônomo, do outro, ele se mostra completamente autoritário.

Para os pesquisadores da área, esse comportamento dos profissionais se deve ao fato de que o autoritarismo em sala de aula vem servindo, ainda que como medida paliativa, como uma das formas de minimizar os problemas de indisciplina.

## **Considerações**

Os resultados obtidos por meio das pesquisas realizadas anteriormente nos possibilitam indicar algumas das possíveis causas da indisciplina escolar, pois o que nos parece claro nas leituras e discussões dos textos é que a indisciplina escolar não possui um conceito ou uma fórmula secreta que possa ser aplicada a diversas situações ou ambientes.

A indisciplina necessita ser estudada a partir da percepção e das necessidades de cada grupo, não há como generalizar o que é ou o que não é disciplina ou indisciplina, pois muitos dos atos que em um grupo são considerados indisciplina em outro não são.

Diante de tais reflexões, indicamos alguns pontos que podem subsidiar nossas discussões sobre indisciplina, visto que os mesmos aparecem direta ou indiretamente citados nas pesquisas anteriores.

- O conceito de indisciplina escolar está relacionado ao conceito de Educação que os integrantes da escola ou os pesquisadores da escola possuem;
- A indisciplina escolar relaciona-se também à organização da escola (administrativa e sala de aula) e com as influências das relações com grupos fora da escola, a comunidade local e a sociedade;
- A indisciplina escolar pode ter a ausência da comunidade na escola como uma de suas causas;
- Os atos de indisciplina em sala de aula estão ligados à formação (ou não) do professor;
- As ausências de parâmetros que tratem da indisciplina no Projeto Político Pedagógico contribuem com o não saber o que fazer dos professores e membros administrativos;
- A indisciplina escolar é muito mais do que uma revolta contra as regras, é uma indicação de que a atual escola não conseguiu se adequar ao momento histórico ao qual vivenciamos;
- Podem-se visualizar no espaço escolar práticas que visam a homogeneização e a busca do aluno obediente que acata as “verdades absolutas” que os professores dizem possuir.

## Referências

AQUINO, J. G. A indisciplina e a escola atual. vol. 24. n. 2. *Revista da Faculdade de educação.*, São Paulo, v.24, n. 2, 1998.

ESTRELA, M. T. *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*. Porto: Porto, 1992.

GARCIA, J. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. *Revista Paranaense de desenvolvimento.*, Curitiba, n. 95, jan/abr., p.101-108., 1999.

OLIVEIRA, M. I. *Indisciplina escolar: determinações, conseqüências e ações*. Brasília: Liber-Livro-Editora, 2005.

OLIVEIRA, R. L. G. ; GOLBA, M. A. M. Reflexões sobre Indisciplina Escolar e Formação de Professores. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 12., 2008, Cachoeira do Sul. Anais. Editora: ULBRA, 2008. p. 34-41.

OLIVEIRA, M. C. P; REIS, M. S. A. (In) disciplina: uma problemática no cotidiano escolar. In: SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO DO SUDOESTE GOIANO, 4., 2005, Jataí. Anais. 2005. p. 1-9.

PIROLA, S. M. F; FERREIRA, M. C. C. O problema da indisciplina dos alunos: um olhar para as práticas pedagógicas cotidianas na perspectiva de formação continuada de professores. Olhar de professor, ano/vol. 10, número 002. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil, 2007, p.81-99.

SAMPAIO, D. Indisciplina: um signo geracional?. *Cadernos de organização e gestão curricular*. Ed. Instituto de inovação educacional, 1997.

SAVIANI, D. *Escola e democracia*. Campinas: Autores Associados, 2008.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 9. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

VASCONCELLOS, C. S. *Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola*. São Paulo: Libertad, 1994, 108p.

VIANNA, I. O. A. *A disciplina participativa na escola um desafio a todos os brasileiros*. In: D'ANTOLLA, A. (org.). *Disciplina na escola: autoridade versus autoritarismo*. São Paulo: EPU, 1989.